

## A RETÓRICA COMO INSTRUMENTO DE INCULCAÇÃO DE IDEIAS: A RELAÇÃO ENTRE AS PALAVRAS E A PRÁTICA

Cíntia Cargnin Cavalheiro Ribas<sup>1</sup>  
Janice Mendes da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo tem como objeto de pesquisa a educação jesuítica, e a implementação de metodologias por meio do Ratio Studiorum, tendo como foco a retórica. Entende-se que os Jesuítas detiveram o monopólio da educação por duzentos e dez anos, e que no início da missão, o objetivo era ensinar os índios a ler e escrever, além de difundir a doutrina cristã e a implementação dos colégios. Nessa perspectiva, questiona-se quais foram as contribuições da Educação Jesuítica aos interesses Portugueses além da função educacional? Seria o uso da palavra como instrumento de persuasão e inculcação de ideias como elemento de representação e reprodução do poder? A partir dessa problemática o artigo objetiva analisar quais foram as contribuições da Educação Jesuítica aos interesses Portugueses além da função educacional. Para responder à problemática e o objetivo, optou-se pela pesquisa bibliográfica sobre o tema, pautando-se em pesquisadores como Hansen (2011), Saviani (2004, 2010) e Paiva (2011). Constata-se que as metodologias implantadas pelos Jesuítas por meio do Ratio Studiorum, tinham como base o tomismo, que nos remete a prática da retória, que está diretamente ligada ao poder das palavras, mas, sobretudo a força que elas possuem quando bem aplicadas.

**Palavras-chave:** Educação Jesuítica, Retórica, Ratio Studiorum

### ABSTRACT

The present study has the object of research Jesuit education, and the implementation of methodologies through the Ratio Studiorum, focusing on rhetoric. It is understood that the Jesuits detained the monopoly of education for two hundred and ten years, and at the beginning of the mission the aim was to teach the Indians to read and write, as well to spread Christian doctrine and the implementation of schools. From this perspective, what are the contributions of Jesuit Education to Portuguese interests beyond the educational function? Is the use of the word as an instrument of persuasion and to make their minds to ideas as an element of representation and reproduction of power? From this problematic the article aims to analyze which were the contributions of the Jesuit Education to the Portuguese interests beyond the educational function. In order to respond to the problematic and

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação. Mestre em Desenvolvimento de Tecnologias, Especialista em EaD, em Pedagogia das Organizações e em Gestão da tecnologia da Informação. Coordenadora do Curso de Pedagogia e de Psicopedagogia das Faculdades OPET e Assistente Pedagógico na Secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Especialista em Formação Docente e Orientadores Acadêmicos em EAD. Especialista em Tutoria em EaD. Coordenadora Pedagógica no Instituto Base de Conteúdos e Tecnologias Educacionais – IBACBrasil.. Coordenadora de Tutoria e Supervisora de Estágio no Curso de Pedagogia das Faculdades Opet.

the objective, we opted for the bibliographical research on the subject, focusing on researchers such as Hansen (2011), Saviani (2004, 2010) and Paiva (2011). It is observed that the methodologies implanted by the Jesuits through the Ratio Studiorum were based on Thomism, which refers to the practice of retribution, which is directly linked to the power of words, but above all the strength they have when applied well.

**Keywords:** Jesuit Education, Rhetoric, Ratio Studiorum

## 1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos em Educação no período colonial, num primeiro instante nos remetemos à ideia de catequização dos índios e posteriormente, somos remetidos à educação jesuítica num processo formal. Neste contexto, é possível nos questionarmos quais foram as contribuições da Educação Jesuítica aos interesses Portugueses além da função educacional?

Faz-se necessário destacar que neste período, a relação entre Igreja e Estado era muito próxima, atendendo a Igreja aos interesses do Estado e o Estado aos interesses da Igreja, sendo o principal interesse do Estado, a conquista e a exploração de novas terras, bem como da mão de obra local e o interesse da Igreja a ampliação do número de fieis convertidos ao catolicismo. Aqui se destaca, também, o surgimento no século XVI de novas religiões protestantes, para as quais a Igreja Católica perdia fieis.

Então, em 1549, atendendo às ordens de Dom João III e sob o comando de Manuel da Nóbrega, Tomé de Sousa chegou ao Brasil com padres jesuítas no intuito de difundir o catolicismo, onde alocaram colégios e missões pelo litoral brasileiro. Paiva (2011) relata, neste aspecto, que os jesuítas chegaram ao Brasil com o intuito de ensinar a ler e a escrever, mas também, com o objetivo de ensinar a doutrina cristã aos índios, tendo como foco principal a implementação dos colégios, pois estes preparariam novos missionários. Inicialmente, pensou-se num colégio para índios, porém, em 1551, este passou a ser para os filhos dos gentios.

O mesmo autor destaca que nem todo o povo português era alfabetizado em sua totalidade, no entanto, o objetivo dos jesuítas era alfabetizar os índios e afirma que na época, “as letras deviam significar adesão plena à cultura portuguesa”

(PAIVA, p. 43), já que as letras pertenciam à corte como eixo social. Mesmo acreditando-se inicialmente que as letras poderiam organizar a sociedade, os jesuítas percebem no decorrer da catequização dos índios que estas se tornam desnecessárias.

Bittar e Junior (2016, p. 2) afirmam que “a hegemonia que os jesuítas exerceram na ação pedagógica durante o período colonial é um fato histórico”, pois, novos padrões culturais foram sendo estabelecidos aos povos que aqui habitavam. Por se tratar de um processo cultural, e com visíveis relações políticas, os jesuítas como destacam os autores acima, forneceram bases ideológicas para a dominação política dos colonizadores.

Nesse período a educação no Brasil, devido à “alma dos selvagens brasileiros”, como ressalta Hansen (2011, p. 22), necessitaria que a catequese fosse inculcada de forma tradicional “ou oral dos bons exemplos e das boas obras do ferreiro e não propriamente o da palavra escrita do humanista”.

Tendo situado o contexto histórico inicial da chegada dos jesuítas ao Brasil, este estudo pautará seus tópicos na percepção e implementação das metodologias, porém, com o foco na utilização da palavra como recurso estratégico na formação de ideais e inculcação da perspectiva portuguesa, bem como na contextualização da retórica como arte no fechamento presuntivo de ideias.

## **2 DA PEDAGOGIA BRASÍLICA AO *RATIO STUDIORUM***

Quando falamos em Educação Jesuítica se faz necessário situar no contexto de como a inserção dos jesuítas foi realizada no Brasil no aspecto educacional e quais foram as metodologias utilizadas em tal contexto. É o que tratará este tópico.

Ao chegarem ao Brasil, os jesuítas se depararam com uma realidade onde os indígenas tinham seu meio cultural, o que trazia a língua local, hábitos, costumes, religiosidade, etc., então, era preciso uma forma de se aproximar destes indígenas para que o processo educacional tivesse início, o que foi feito – inicialmente – de forma não tradicional, pois, segundo Saviani (2010, p. 38-39) havia no Brasil,

Uma educação em ato, que se apoiava sobre três elementos básicos: a força da tradição, constituída como um saber puro orientador das ações e decisões dos homens; a força da ação, que configurava a educação como um verdadeiro aprender fazendo; e a força do exemplo, pelo qual cada indivíduo adulto e, particularmente, os velhos ficavam imbuídos da necessidade de considerar suas ações como modelares, expressando em seus comportamentos e palavras o conteúdo da tradição tribal. As ideias educacionais coincidiam, portanto, com a própria prática educativa, não havendo lugar para a mediação das ideias pedagógicas que supõem a necessidade de elaborar em pensamento as formas de intervenção na prática educativa. (...) É com essa forma de sociedade e esse tipo de educação que vieram a se chocar os conquistadores europeus.

Assim, de 1549 a 1599 a educação no Brasil era pautada na Pedagogia Brasílica, que é muito próxima à Pedagogia da Existência, e considera as especificidades do sujeito do local, atentando-se a este sujeito. Esta Pedagogia pode ser considerada, de certa forma, uma pedagogia além de seu tempo. A Pedagogia Brasílica tratava de ensinar a ler e a escrever a gramática, porém, contextualizada à realidade local, sendo o plano de instrução desta Pedagogia elaborado por Nóbrega. Tal plano, que não deixava de contemplar a preocupação realista, considerando a realidade local, era iniciado

com o aprendizado do português (para indígenas); prosseguia com a doutrina cristã, a escola de ler e escrever e, opcionalmente, canto orfeônico e música instrumental; e culminava, de um lado, com o aprendizado profissional e agrícola e de outro lado, com a gramática latina para aqueles que se destinavam à realização de estudos superiores na Europa (Universidades de Coimbra). (SAVIANI, 2010, p. 43)

Devido à precariedade de aplicação do plano elaborado por Nóbrega, ocorreu dentro da própria Ordem Jesuítica oposição ao mesmo, sendo o plano substituído pelo plano geral organizado pela Companhia de Jesus. A partir de 1599 e com duração até o ano 1759, os jesuítas implementaram da “Pedagogia do *Ratio Studiorum*”, que era pautada em princípios tradicionais para a formação de cristãos e abordava um caráter universalista, o documento sistematizava as experiências pedagógicas, a partir de um conjunto de regras, desde a organização escolar até os encaminhamentos para a doutrina católica.

Destaca-se, então, a Pedagogia essencialista, com uma visão empirista, onde há uma essência a ser atingida, em que as definições estavam em todas as escolas simultaneamente. O método de estudos contido no *Ratio Studiorum* compreendia

três elementos essenciais que, então, resumem e normalizam toda a educação, sendo: os ‘preceitos’, o ‘estilo’ e a ‘erudição’”, o que se obtém a partir da Retórica. Com base em Fonseca (2006), havia ainda o trinômio: estudar, repetir e disputar como exercícios destacados pelo Reitor do Colégio, colaborando assim, para uma educação elitizada.

Centrado na formação do homem perfeito, e do bom cristão, o currículo era voltado para a elite colonial, como destaca Saviani (2004, p. 127)

A concepção pedagógica tradicional se caracteriza por uma visão essencialista de homem, isto é, o homem é concebido como constituído por uma essência humana e imutável. À educação cumpre moldar a existência particular e real de cada educando à essência universal e ideal que o define enquanto ser humano. Para a vertente religiosa, tendo sido o homem feito por Deus à sua imagem e semelhança, a essência humana é considerada, pois, criação divina. Em consequência, o homem deve se empenhar para fazer por merecer a dádiva sobrenatural.

O currículo do *Ratio* abordava: A Gramática média; a Gramática Superior; as Humanidades; a Retórica e prosseguia com os “estudos superiores” que contemplava a filosofia e a teologia. De acordo com Saviani (2010, p.59) o tomismo compõe a base do *Ratio Studiorum*, sendo que o tomismo

consiste numa articulação entre a filosofia de Aristóteles e a tradição cristã; tal trabalho de sistematização foi levado a cabo pelo filósofo e teólogo medieval Tomás de Aquino, de cujo nome deriva a designação da referida corrente.

Ressalta-se que mesmo diante das guerras sociais entre os colonizadores, que desejavam escravizar os índios e ampliar suas fazendas, estes, que eram majorias e fortaleciam-se como podiam para resistir à submissão, dentro dos colégios, tudo funcionava perfeitamente, as guerras não atrapalhavam o currículo e nem mesmo a disciplina dentro dos colégios, o que segundo Hansen (2011, p. 47) ocorria, pois esta guerra não abalava o currículo e a disciplina dentro, visto que, “a educação e o ensino se pautavam por princípios que, *ipsis litteris*, não prevaleciam *extra muros*.”



### 3 O USO DA PALAVRA COMO INSTRUMENTO DA VERDADE: A INCULCAÇÃO DE IDEIAS

O *Ratio Studiorum* tendo como uma de suas bases o tomismo, remete-nos à reflexão da práxis da Retórica, uma vez que os jesuítas reportavam-se com intensidade a Santo Tomás de Aquino e a Aristóteles, apresentando o intuito de “defender a hegemonia católica contra os ataques da Reforma protestante” (SAVIANI, 2010, p. 43).

Neste aspecto, é possível destacar que, de acordo com Aristóteles, dentro da mesma comunicação existem pelo menos três elementos: o que fala, o que se tenta dizer e o que escuta (PLEBE, 1978), assim, a Retórica é

Uma forma de comunicação, uma ciência que se ocupa dos princípios e das técnicas de comunicação. Não de toda a comunicação, obviamente, mas daquela que tem fins persuasivos (...) Quando os antigos dizem que a retórica e a arte de bem falar, fazem-no na consciência de que, para se falar bem é necessário pensar bem, e de que o pensar pressupõe não só ter ideias e tê-las lógicas e esteticamente arrumadas, mas também ter estilo de vida, viver em conformidade com o que se crê. (...) Arte de bem dizer, arte de persuadir, arte moral, eis os elementos implícita ou explicitamente verificados em quase todas as definições de retórica (ARISTÓTELES apud MESQUITA, 2005, p. 24-25)

Isto posto, é possível contextualizar a afirmação de Hansen (2011, p. 26) que menciona que Inácio de Loyola

mandava os indivíduos que manifestavam dons oratórios exercitar a voz e os gestos nas ruínas antigas de Roma em presença de alguns ouvintes (...) Neste sentido, a atividade teatral também teve ampla difusão nos colégios, associando-se às técnicas orais da eloquência sacra.

O que se esperava, então, deste desenvolvimento da retórica e, conseqüentemente, da “arte de persuadir” por meio da concatenação de ideias e exposição convincente das mesmas? Tratava-se da inculcação das ideias do Estado e da Igreja, uma vez que as palavras eram dons divinos e falar de forma divina evidenciaria a presença de Deus, logo, a consciência humana seria convencida pelas palavras de moralização trazidas a partir da retórica, que nas palavras de Hansen (2011 p. 28) “a Retórica e a Teologia, mas subordinando a primeira à

segunda, para tornar a palavra não só eloquente, persuasiva e eficaz (...), mas principalmente para fazer dela uma revelação substancial da sua Causa Eficiente, Deus (...)."

Neste sentido, Hansen (2011) destaca a representação da pregação como reprodução do poder;

a pregação torna pública a ordem política do "corpo místico", pondo-a em evidência para que seus membros, desde os mais humildes escravos até os príncipes da casa real, tornem a reconhecer-se como membros e ordens integrados ou subordinados (...) A representação da pregação era a reprodução visível de uma relação fundamental de poder.(HANSEN, 2011, p. 36-37)

Assim, os exercícios tratados no estudo da Retórica desenvolviam nos indivíduos a habilidade necessária para adaptar seus discursos de acordo com o contexto em que precisassem ser aplicados, bem como à população a qual precisaria atingir, utilizando a linguagem para abordar as temáticas, com o intuito de constituir autoridade ao sujeito enunciador em relação ao "corpo místico" da comunidade (Hansen, 2011). Pode-se, então, observar que a contribuição Jesuítica ao Estado está – também – mas não obstante ao aspecto do uso das palavras como instrumento de persuasão e inculcação de ideias a partir do desenvolvimento da "arte da retórica".

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Refletindo no contexto histórico do Brasil no período colonial, bem como no contexto socio-econômico e cultural em que a Educação Jesuítica se desenvolveu naquele período, muitos processos podem ser analisados, desde o objetivo inicial da educação como catequização e letramento dos índios até a contextualização da Retórica como instrumento na inclusão de ideias e perspectivas.

A Retórica como as citações de Hansen nos apresenta quando menciona a metodologia adotada por Loyola no desenvolvimento das habilidades de oratória, nos remetem à reflexão do poder das palavras, mas principalmente da força que elas têm quando bem aplicadas e enfatizadas. Assim, analisando os dias atuais,



podemos fazer uma analogia ao tempo em que o Brasil estava no período colonial, como a educação ocorria a partir das Retórica e como esta concepção é atual no momento histórico em que vivemos.

Observamos o poder da palavra na Educação Jesuítica e na atualidade, mas será que este poder era e é utilizado para o desenvolvimento social ou para inculcação de ideias com objetivos altamente ligados ao domínio do Estado de Poder sob os indivíduos? A explanação realizada neste trabalho nos permite uma breve compreensão histórica da educação, mas deixa aberta também, a possibilidade de uma análise numa perspectiva dialética da Retórica como metodologia no que concerne às práxis educativas no Brasil Colônia e nos tempos atuais.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Retórica* In: MESQUITA, António Pedro Mesquita (coord.). **Obras Completas de Aristóteles**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/Imprensa Nacional, 2005.

BITTAR, Marisa; JUNIOR, Amarildo Ferreira. **O estado da arte em história da educação colonial**. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_079.html](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_079.html)> Acesso em: 10 out. 2016.

HANSEN, João Adolfo. *A civilização pela palavra*. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

PLEBE, Armando. **Breve História da Retórica Antiga**. São Paulo: EPU, 1978.

PAIVA, José Maria de. *Educação Jesuítica no Brasil colonial*. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2010.

\_\_\_\_\_. Educação e Colonização: as ideias pedagógicas no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil** – Vol. I – Séculos XVI-XVIII. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.